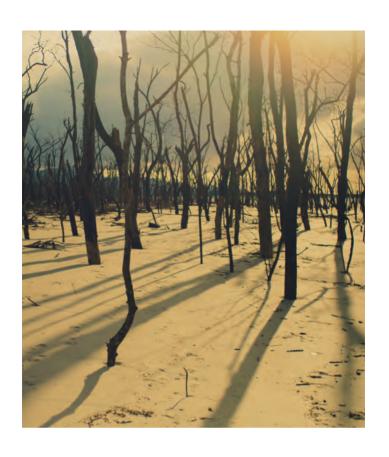
NOSSO ESTADO:

VENTO EM MOVIMENTO



O movimento do vento costura cada história registrada nesta exposição e funciona como bússola em uma cartografia afetiva de algumas existências que ajudam a formar o que chamamos de Paraná, um bloco nada monolítico e, aqui, sem intenções totalizantes ou redutoras. É o vento, esse agente atmosférico capaz de modificar territórios, fertilizar extensas faixas de terra e arrasar paisagens inteiras, o motor de mudança de pessoas e paisagens. A escrita da nossa geografia e da nossa história obedeceu a essa força motriz errática que alterou a direção de comunidades inteiras e sedimentou identidades, sob o bom céu e sob a tormenta, num estado que hoje chamamos de nosso.

Depoimentos, objetos e registros de saberes e de paisagens formam os dois eixos centrais da exposição Nosso estado: vento e/em movimento, denominados Deslocamentos por dentro e Deslocamentos pela margem. Cada núcleo contém vídeos que registram trajetórias individuais e por meio dos quais se revelam aspectos de comunidades nas quais esses sujeitos estão inseridos. Essas histórias reafirmam a importância da oralidade e da pluralidade de vozes para a compreensão das coletividades que habitam e atravessam este território e passam a integrar o acervo do Museu Paranaense.

Em Deslocamentos por dentro, perceber o aqui e o agora abarca experiências de quem se deslocou no passado e quem se desloca no presente, sujeitos que partilham um movimento antagônico, que se enraíza em algum ponto da geografia paranaense e que busca manter os vínculos de pertencimento ao seu ponto de origem. Nessa sequência ritmada de idas e vindas, diferenças e semelhanças moveram signos, expectativas e fazeres e forjaram territórios múltiplos dentro de uma terra que abraçou muitos mundos. O desconcerto de quem se moveu e se move pela terra não é só físico, mas existencial e sensorial. Um desconcerto que colocou corpos inteiros em outra experiência social, vista sob o prisma de quem protagoniza seu próprio enraizamento na terra ou de quem é herdeiro das memórias desse enraizamento.

Em Deslocamentos pela margem, as bordas emolduram experiências coletivas das comunidades caiçaras que apontam para o sensível, para o poético e para o religioso, em contraponto às transformações em larga escala que afetaram seu entorno nas últimas décadas. Séculos de envolvimento produtivo com um território de terra, mar e lagamar escoam em um modo de vida ele próprio deslocado no hoje, o que os coloca como uma espécie de refugiados em seu próprio território. Como um pano de fundo de toda a intensidade de relações ecológicas e expressões culturais que sustentam este lugar, as marcas diretas e indiretas das interdições ambientais em seu espaço aparecem nas narrativas dos sujeitos deste eixo.

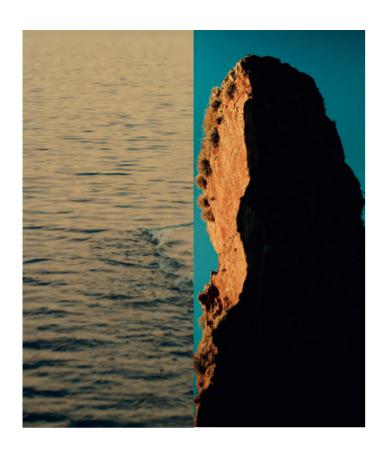
Existir em outras margens, seja de rios, seja de oceanos ou nos sertões, pode ser um desafio brutal ou uma oportunidade, pela própria natureza do devir imigrante, migrante, refugiado, exilado, removido, deslocado. Defender-se dos redemoinhos que impelem a desterritorialização daqueles que não são quem são fora dos seus territórios marca as experiências e angústias das comunidades tradicionais. A ideia de *Nosso estado* aponta para um duplo, que abarca os territórios de dentro e de fora, do estado subjetivo de quem é um e no estado territorial de quem é o outro – aqui, chamado Paraná, um canal entre dois rios que desembocam nas mesmas águas, movidas pelo mesmo vento.



Escaneie o QR code para acessar aos depoimentos em vídeo e demais textos presentes na exposição.

Please scan the QR code to access the video testimonials and other texts available at the exhibition.







The movement of the wind flows through every story exhibited here, a compass in an emotional cartography of lives that take part in the formation of what we call Paraná: a not-at-all monolithic block that we look at with no holistic or reductionist intentions. The wind — this atmospheric agent capable of shaping terrains, fertilizing extensive stretches of soil, and devastating entire landscapes becomes the driving force behind changes in populations and scenery. The writing of our geography and history is thus linked to this erratic driving force; it has altered the direction of entire communities and solidified identities. under blue sky and storm, in a state which we now call ours.

Testimonies, objects and records of landscape or knowledge make up the two central pillars of the Our State: wind and/in motion exhibit, which we have called Displacements by the margin and Displacements by the inside. Each thematic core has several videos that register individual trajectories through which aspects of these individuals' communities are revealed. These stories reassert the importance of a plurality of voices and of oral tradition for understanding the collectivities that inhabit and cross this territory — and thus become part of the Museu Paranaense collection.

In Displacements by the inside, perceiving the here and know includes the experiences of those who have moved about in the past and those who move about now, subjects who share contradictory movement, putting down roots somewhere within Paraná geography and yet seeking to maintain ties of belonging to their place of origin. In such rhythmic flow of arrivals and departures, differences and resemblances have shaped signs, expectations and actions and forged multiple territories within a land that embraces several worlds. The disconcertedness of those who move or have moved through the land is not only physical, but existential and sensorial. A disconcertedness responsible for thrusting entire bodies into a different social experience.

seen through the prism of those who put down new roots or who inherit the memories of such processes.

In Displacements by the margin, the 'edges' frame collective experiences of the caiçara community which point to the sensitive, the poetic and the religious, a counterpoint to the large-scale transformations which shook up their surroundings over past decades. Centuries of productive participation within a territory made up of land, sea and laguna, running through a form of life has today been disturbed, turning people into refugees of their own land. The direct and indirect scars of environmental interventions emerge from the narratives of these subjects, a background to the intense ecological relations and cultural expressions which shape such a place.

To exist on 'other margins', whether those of rivers, oceans or hinterlands, can be a brutal challenge or an opportunity, depending upon how one has become an immigrant, migrant, refugee, exile or displaced person. The need

to defend themselves from the whirlwinds that displace those who, outside of their own territories, are no longer themselves, marks the experiences and anguishes of traditional communities. The idea of Our state indicates a double meaning, including inside and outside territories, the subjective state of who one is and the territorial state of who the other is – here, known as Paraná, a channel between two rivers that empty out into the same waters, moved by the same wind.





O projeto da exposição Nosso estado: vento e/em movimento começou a ser desenhado no final de 2019, fruto de uma vontade de tratar temáticas imprescindíveis ao Museu Paranaense (MUPA) como identidades, memórias e territórios, no específico deslocamentos e a cultura caicara, de forma mais representativa e aprofundada, além de lancar luz sobre os reais protagonistas dessas histórias: homens e mulheres que dia após dia constroem suas vidas e consequentemente formam esse território que chamamos de Paraná.

Quando começamos, não imaginamos que seríamos atravessados por uma crise sanitária global que impediria o que mais almejávamos nessa empreitada: encontrar pessoas, conhecer suas trajetórias individuais e identificar o que nessas histórias se conectava com aspectos ligados aos assuntos que elegemos para a exposição. A pandemia de Covid-19 foi severa, exigiu constantes adaptações e causou inúmeras perdas irreparáveis, mas com resiliência chegamos ao nosso objetivo. Agradecemos imensamente aos convidados e às convidadas que reservaram um tempo para nos contar suas histórias de vida, de pesca, de fandango, de deslocamento, de saudades, mas também de como se reconstruir em outro território ou de como resistir em seu pedaço de chão (e mar) tradicional.

Nosso estado: vento e/em movimento é formada pelas histórias de Danuta, Cecília, Polferia, Heinz, Edson, Rony, Claudemir, Ayla, Fouad, Silmara, Denise, Rubens, Poro, Aorelio, Jairo, João Pires, Isolina, Leonildo, Zeca da Rabeca, Renato, Rose e Janguinho, além de aproximadamente 100 objetos do acervo histórico, antropológico e arqueológico do MUPA. A exposição divide-se em dois eixos principais: Deslocamentos por dentro e Deslocamentos pela margem. No primeiro, temos os núcleos Memórias moventes. Ilusão da terra, Ecos artífices e negociantes, A língua das pontas e Herancas identitárias que trazem diferentes experiências de deslocamentos do passado e do presente. Já o segundo eixo conta com os núcleos Sinais invisíveis, Corpos que pescam. Fé e folia do Divino. Vida fandanqueira e Mãos caiçaras. Nele, o visitante é convidado a conhecer a complexidade da experiência coletiva das comunidades caiçaras do litoral paranaense por meio de sua musicalidade, religiosidade, sensibilidade e relação com seu território.

Os registros audiovisuais, que contam com depoimentos, cenas de paisagens e fazeres artesanais, são o coração da mostra e foram gravados em 2021, em diferentes locais do Paraná. Todas as gravações passam a integrar o acervo documental do Museu Paranaense, ampliando a diversidade de vozes e expressões populares e tradicionais desta instituição de 145 anos de existência.

A constituição desse novo acervo documental e a realização dessa



exposição foram metas laboriosas para toda a equipe do MUPA e profissionais externos envolvidos. Esse projeto coloca-se como uma ação atípica deste momento da instituição, que visa tornar este museu centenário um verdadeiro espaco de relações, trazendo narrativas e sujeitos até então invisibilizados ou representados de forma simplificada, revisão de narrativas e ampliação de acervo. Um museu que se abre para o futuro e que encontra na sua própria história o espírito de contínuo movimento e transformação.

Gostaríamos de agradecer a todos os profissionais, direta e indiretamente envolvidos nas variadas etapas do projeto, tanto das equipes externas quanto dos funcionários do Museu Paranaense, Superintendência Geral da Cultura e Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura. Ao apoio do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR). E, por fim, agradecemos às empresas parceiras que têm apoiado constantemente as atividades do MUPA e sem as quais essa exposição não seria possível.

Museu Paranaense

The Our state: wind and/in Motion exhibition project was initial-Iv conceived at the end of 2019. product of our desire to bring out themes that were indispensable to the Museu Paranaense, such as identities memories and territories. Our specific focus was the caicara culture and its displacements. We wanted to portray it through a deeper and more representative perspective, in addition to shedding light onto the real protagonists of these stories: men and women who, in constructing their lives on a day-to-day basis. are also shaping the territory we call Paraná.

When we began, we could not imagine we would soon be engulfed in a global sanitary crisis that would prevent us from doing what we most desired to do for such a project: to meet people, learning about their individual trajectories and identifying that which in their stories connected to the topics chosen for the exhibit. The Covid-19 pandemic proved brutal, demanding constant adaptations, and causing irreparable losses, yet with resilience we were able to reach our goal. We greatly thank all the guests who spared their time to tell us their stories of life, fishing, 'fandango', displacement, nostalgia - yet also of how they resettled in other territories, or how they resisted, on their original homelands (and the sea).

Our state: wind and/in motion is composed of the stories of Danuta. Cecília. Polferia. Heinz.



Edson, Rony, Claudemir, Ayla, Fouad, Silmara, Denise, Rubens, Poro. Aorelio. Jairo. João Pires. Isolina, Leonildo, Zeca da Rabeca, Renato. Rose and Janquinho, in addition to approximately 100 objects from the historical, anthropological and archeological MUPA collection. The exhibit is split into two main pillars: Displacements by the inside and Displacements by the margin. Within the former, we have the sections entitled Memories in Motion. Illusions of the Land, Artisan and Traders Echoes, Language on the Edges and Identity Heritage, bringing out different experiences of displacement in the past and present. The second pillar is divided into the following subtopics: Invisible Signs, Bodies that Fish. Faith and the Folia do Divino, Fandango-loving Lives and Caicara Hands. Visitors are invited to an encounter with the complexity of the collective experience of the coastal caicara communities - as expressed through their musicality, religiosity, sensitivities and relationship to the land.

The audiovisual register, which includes testimonies as well as scenes that portray landscapes and handcrafts, are the heart of the exhibit. They were recorded in 2021, in different parts of the state of Paraná. All the recordings are now part of the Museu Paranaense permanent collection, augmenting the diversity of popular and traditional voices and expressions kept up by this 145-year-old institution.

The making of a new collection and an exhibit were goals that

were meticulously pursued by the entire Museum staff and the outside professionals involved in the project. It comes as an atypical action within an institutional moment, one which seeks to turn our historic museum into a true space of relations, bringing in narratives and subjects who were previously invisible or represented only in simplified forms. Narratives have been revised. and the collection, expanded. Our museum opens itself to the future and discovers in its own history a spirit of continuous movement and transformation.

We would like to thank all of the professionals, direct or indirectly involved in the various stages of the present project: the outside teams as well as the MUPA staff, the General Superintendency of Culture and the State Secretary for Culture and Media. We are also grateful for the support received from the Federal University of Paraná's Museum of Archeology and Ethnology (MAE-UFPR), And, finally, we thank our partners within the business community who have consistently supported MUPA's activities and without whom this exhibit would not be possible.

Museu Paranaense

NOSSO ESTADO: VENTO E/EM MOVIMENTO

Concepção e projeto Concept and Project Museu Paranaense

Curadoria / Curatorship Felipe Vilas Bôas Giselle de Moraes Josiéli Spenassatto Richard Romanini

Pesquisa / Research Felipe Vilas Bôas Josiéli Spenassatto

Consultoria de pesquisa sobre a cultura caiçara Research Consulting Karina da Silva Coelho

Preparação e edição de textos Text editing

Revisão / Proofreading Mônica Ludvich Alessandro Manoel

Tradução / English Version Miriam Adelman Lucas Adelman Cipolla

Consultoria de ação educativa Educational Action Consulting Milena Aparecida Chaves

Acessibilidade / Acessibility
Cepol

Conservação e restauro

Conservation and Restoration

Maria Márcia Dalledone

Montagem / Exhibition Installation Raul Fuganti Diogo Duda Juliano Carneiro

Iluminação / Lighting Design Iluminarte

Infraestrutura áudio e vídeo Audio and video infrastructure **Lumen**

Depoimentos do eixo
"Deslocamentos por dentro"
Testimonials of the axis
"Displacements by the inside"
Claudemir da Silva
Cecilla Szenkowicz Holtman
Rony Remy
Silmara Aparecida
Xavier Carneiro
Edson Suemitsu
Denise Fritschtein Weishof
Heinz Egon Philippsen
Fouad Youssef El Oumairi
Polferia Cheremnov
Ayla Nohemi C. Espinoza
Danuta Maria Lisicki
de Abreu

Depoimentos do eixo

Testimonials of the axis

'Displacements by the margin''
Aorélio Domingues
Leonildo Fidelis Pereira
Rubens Jorge Muniz
João Pires
Rosinilda Santana (Rose)
Isolina Dias Mendonça
Renato Pereira de Siqueira
João Gonçalves Filho
(Janguinho)
José Martins Filho
(Zeca da Rabeca)
Aorelio Domingues de Borba
Eloir Paulo Ribeiro de

"Deslocamentos pela margem"

Jairo Paulo de Souza (Jairinho da Bandeira) Direção / Directed by Richard Romanini

Jesus (Poro)

Direção de fotografia Director of photography Elisandro Dalcin 1° assistente de câmera First camera assistant Murillo Marchesi

Entrevistas / Interviews Mariana Sanchez

Montagem / Film editing Lucas Kosinski Richard Romanini

Colorista / Color grading Lucas Kosinski

Trilha sonora e sound design Soundtrack and sound design Felipe Ayres

Coordenador de produção Production coordinator Marco Novack

Som direto / Boom operator Bruno Ito

Maquinária e elétrica
Key grip and gaffer
Magnus Lobo
(eixo "Deslocamentos
por dentro")
Maikon Batista Rocha
(eixo "Deslocamentos
pela margem")

Assistente de maquinária e elétrica Best boy electric and grip Gustavo Pereira (eixo "Deslocamentos pela margem")
Sandro Augusto Dal Col Lobo (eixo "Deslocamentos por dentro")

Guilherme Delamuta
(eixo "Deslocamentos
pela margem")
Matheus Eschiavo Kerniski
(eixo "Deslocamentos
por dentro")

Operador de drone Drone operator Gabriel Miranda

Governador do Estado do Paraná Governor of the State of Paraná Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária de Estado da Cultura State Secretary of Culture Luciana Casagrande Pereira

Diretora-Geral da SEEC General Director of SEEC Elietti de Souza Vilela

Diretor de Memória e Patrimônio Director of Memory and Heritage Vinicio Costa Bruni

Coordenador do Sistema Estadual de Museus Coordinator of the Museums State System

Marcos Coga da Silva

Assessoria de Comunicação Communication Consulting Fernanda Maldonado

MUSEU PARANAENSE

Diretora / Director Gabriela Bettega

Diretor Artístico / Artistic Director Richard Romanini

Gestão de Conteúdo e Comunicação Content Management and Communication Beatriz Castro Heloisa Nichele Núcleo de Arquitetura e Design Architecture and Design Division Juliana Ferreira de Oliveira

Estagiária / Intern Isabella Barbosa de Melo

Núcleo de Antropologia Anthropology Division Coordenadora / Coordinator Josiéli Spenassatto

Estagiária / Intern Mainu Barros Giordani

Núcleo de Arqueologia Archaeology Division Coordenadora / Coordinator Claudia Inês Parellada

Claudia Inês Parellada Núcleo de História History Division

Coordenador / Coordinator Felipe Vilas Bôas Residente técnico

Technical resident
João Guilherme Züge
Estagiários / Interns
Felipe C. de Biagi Silos

Viviane Roza de Lima

Núcleo Educativo

Educational Division

Marília Alves de Abreu

Marília Alves de Abreu Milena Aparecida Chaves Roberta Horvath Yohana Rosa Estanjários / Interns

Estagiários / Interns Helena Nassabay Pereira Lucas Plaza da Rosa Thiago Silvestre Wesley da Silva

Gestão de Acervo Collection Management Denise Haas

Laboratório de Conservação Conservation Laboratory Esmerina Costa Luis

Supervisor de Infraestrutura Infrastructure Supervisor Rogério Rosário

Agradecimentos Acknowlegements

O Museu Paranaense agradece aos diversos profissionais e instituições parceiras que fizeram parte desse trabalho e se dedicaram à realização da exposição Nosso estado: vento e/ em movimento: MAE-UFPR, Pousada Recanto

Ararapira, Departamento de história da Universidade Federal do Paraná, Agnaldo Fidelis Pereira, Andressa Mara Gonçalves, Antônio Muniz Claudecir Pires, Daniel Romão da Costa, Diego Antonelli, Dival da Silva Xetá, Douglas da Silva Barros, Edina Santana, Felix Michel Ehrlich, Janier Martins, José Muniz Filho, Juari Fidelis Pereira, Lidiana Pires Luma e Malu Domingues, Márcio José Muniz, Mestre Odair José Costa, Nicolle Taner de Lima, Omar Nasser Filho, Otavio Zucon, Ricardo Kasburg Philipsen, Ronaldo Tinoco, Samuel Pires, Shirley Pinto, Zelinda Firalla, Zoraida Rivas.

Aos formecedores:
Atelier Genoveva, R.A. Machado,
Soter Móveis, Metal Pinheiro.
Por fim, o Museu Paranaense
agradece aos estagiários
e voluntários que são parte
fundamental na elaboração
e viabilização dos projetos
desenvolvidos pelo MUPA.

NOSSO ESTADO: VENTO EM MOVIMENTO





PATROCÍNIO









REALIZAÇÃO

SAMP

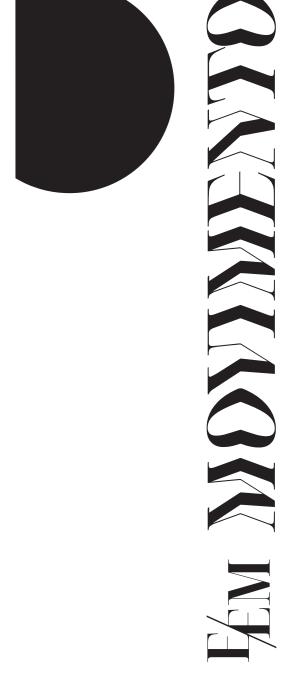












chamo Rony Remi. Nasci
no Haiti, cidade Maïssade, no
bairro Centro, e eu tenho trinta
e cinco anos. Antes de vir para cá,
eu trabalhava na escola do meu irmão
mais velho, aonde eu ajudava na quesi
administrativa e também ensinava. En
aconteceu um terremoto no mês de ja
escola foi destruída e a gente estava r
complicada e eu resolvi deixar o país.
esquecer o que aconteceu, esse mome
eu decidi sair do país. Para tentar tam
vida. Como tudo que a gente tinha qui
perdeu quase tudo, daí a perspectiva
que eu tinha era sair do país.
No momento que eu decidi de
deixar o país, eu tinha só pessoa
conhecida que já fez esse
trajeto. Quando eu perguntei
pra ela, não me explicou
de maneira clara o
caminho, o
trajeto e como
era também. E eu
passei pela República
Dominicana e lá que eu peguei
avião até o Equador. Quando eu chegu
lá no Equador, eu saí e tinha uma pess
fora e que vai comprar uma passagem
atravessar outras cidades no Equador
para comprar passagem, mas como na
daí sempre tem alguém que espera no
pegar um pouco de dinheiro, vai lá co
uma passagem e daí a gente
continuar esse trajeto. Eu
me lembrei que
eu demorei
eu demorei sempre tem alguén yar um pouco de din a passagem e daí a tinuar esse trajeto. Iembrei que demorei embrei que dias para chegar o Brasil, mas lá no numa cidade lá onteira com o . Eu cheguei lá cre em dois treze no do ano saí

Meu nome é Renato
Pereira de Siqueira. Nasci na Vila
das Peças em 1971. Eu moro lá até hoje. Meu pai chama
José Martins de Siqueira, minha mãe chama Nair Pereira de Siqueir
sos meus avós também nasceram lá e morreram lá também. A gente
gente tem uma rotina muito misturada do mato. Meus pais, quando
A gente passava o dia cuidando da roça, espantando os animais que
que a gente plantava assim, e da pesca. Meu pai, o apelido do meu
Ele tirava caranguejo, cortava palmito, cortava madeira para conseg
para a gente assim. Nunca foi uma pessoa de ter dinheiro, sempre
tuma coisa de ir lá, buscava uma comidinha, de vez em quando
arrumava um dinheirinho para comprar umas coisinhas, mas
sempre teve uma vida muito simples assim. Os meus avós
paternos morreram quando teve a epidemia da peste
negra aí. E moravam ali em Guapicum, meu pai
era pequenininho. Eles deixaram meu pai
ofrão, aí eu tivo um contato maior
com a família da minha mãe.
O meu avó, Benjamin, ele era
descendente de Guarani
também. Ele era uma
pessoa muito pescadora
a ssim, muito muito
certo, é uma pessoa que
conhecia muito do mar assim e foi ele que
me deu... Ele tocava viola no fandango e que me passou
a primeira acorde de viola, me ensinou as coisas sobre o fandango.
Ele trazia bastante essas histórias dos antigos. Roda de conversa, fera ele que era sempre o contador de histórias. Ele que me ensinou

passou sobre o fandango. ?oda de conversa, fogo de lenha, :le que me ensinou bastante das

de lá em dois mil e quatorze no mês de janeiro. Eu saí de percia que eu cheguei lá, a pessoa que estava junto comigo a gente fica um tempo lá e eu consegui v., que eu consegui era na questão metalurgia para fazer cadeiras. Eu fiquei vinte fazendo esse trabalho, depois o contrato não tinha mais serviço e eu consegui mas lá como coletor de lixo. Eu fiquei lá quatro meses trabalhando e registrado que is aprender português, mas esse trabalho você começa muito cedo até oitre noite ainda você não chega em casa. E ainda era bem difícil. Eu falei mas não nesta cidade, não vou ficar nesse trabalho. Alguém me informou que Curitiba, que me recebeu morava lá no Boqueirão, falou pra mim que o trabalho que é lé estava trabalhando nesse trabalho, ela termina tipo quatro ou cinco horas. Eu falei mas é bom, se termina nesse horário você consegue fazer outras coisas, falei então eu vou sair daqui, eu vou pra Curitiba e eu deixei Porto Velho, eu s do emprego e quando eu cheguei aqui no Boqueirão, em Curitiba, e eu consegum emprego na mesma semana. Mas o que me surpreendeu aqui e quando eu cheguei aqui no Boqueirão, em Curitibano isso, é não entendia o motivo de chegar num lugar, num espaço, de não falar bom dia porta cumprimentar alguém, isso me surpreendeu. En não entendia o motivo de chegar num lugar, num espaço, de não falar bom di orexemplo. Isso aqui era um choque pra mim, eu demorei para entender esse questão cultural, muitas pessoas falaram que "ah o próprio curitibano isso, é normal, não somente com o estrangeiro, mas também no próprio brasileiro". I demorei pra entender, mas a língua também, quando eu cheguei aqui, falava poucas coisas em português pra mim. Ofereceram aula de português lá na Rélgica. Esse casal, como falava francês, eles conseguem me ajudar a ""al me ajudou bastante."

Meu pai, ele com

granda mestre. Porque ele me ensinou que a vida poda ser ba mesmo q

granda mestre. Porque ele me ensinou conhecer cada ávora de moto

a gente poda ser feliz dessa forma. Então essa meu pai, ele que me ensi

granda de casa pequento i, a com quintre ano si, a

ander por al. Então assim encontrai vários

mestres. muitos mestres mesmo, que me

nestres. muitos mestres mesmo, que me

nestres. muitos mestres mesmo, que me

nestres. muitos mestres mesmo, que me

no silencio a ver os sinais que a natureza mostra pero edu de manházinha e

forma quese invisivale; que o pepa lo diferencial do ser caiçara é ele

peroder a que el ser, que a gente pode se se apropriar dele,

ne pende a ser, que a gente pode se a apropriar dele,

el fazer del sa vezes uma ferramenta: arma uma

velinha na canoa e deixar que o vento leve sem vode precisar se esforça

muito: remar muito. Então assim: isso diá de o sabar que os mestres ensi

el nem é um conhecimento que é possível explicar em palavras. Ele é u

olha no mas e vode percrebe que um detalhe pequeninhi nel itraz uma i

onn o seu barco e não encalhar. Então, os mestres, eles ensinaram aga

el nem é um conhecimento que é possível explicar em palavras. Ele é u

onn o seu barco e não encalhar. Então, os mestres, eles ensinaram aga

el nem é um conhecimento que e possível explicar em palavras.

Pra que a gente pode ese note a comunidade te home me onno os seu barco e não encalhar. Então, os mestres, eles ensinaram aga

el nem é um conhecimento que e possível explicar en palavras.

Pra que a gente pode caca vive daterios, trestentos anos édento de um mes

doda ta inda pra vocás entenderem como isso dai se dava

muitara. Os indiss chamar de Cappara, que e dava

mitigamente. A gente tem aqui uma história que e dava

mitigamente. A gente tem aqui uma história que e dava

mitigamente. A gente tem mu passano que e face dava

el parcede corta seus de remando de escalar cacada de anta e da da en cida de pero en en en el tordo de cacada de en el parcede de per de mante de carada.